

A produção de leite atual requer outros modelos em relação à praticada a duas ou três décadas atrás. Está sendo “cobrada” do produtor uma produção sustentável, conceito recente que envolve vários aspectos: (a) uma produção de leite tecnicamente viável; (b) que seja economicamente rentável, isto é, que gere renda; (c) socialmente justa, que significa poder ser aplicada por qualquer produtor, sendo, portanto, incluyente e (d) não agrida o ambiente, talvez o item em maior evidência no momento. Será preciso atender todos esses aspectos ao mesmo tempo.

Tecnicamente, um dos índices considerado para se comparar as atividades agropecuárias é a produtividade da terra, ou seja, a quantidade de produto colhido (toneladas, caixas, sacos, quilogramas, litros, arrobas, etc.), dividida pelo total de terra utilizado para produzi-la (hectare), num dado espaço de tempo (ano).

Em relação à atividade leiteira, nos países de clima temperado, existe um pensamento quanto a este índice: “para se produzir 1.000 kg de leite/ha/ano, existe uma infinidade de sistemas de produção; para se produzir 2.000 kg de leite/ha/ano os produtores podem lançar mão de dezenas de sistemas; para se produzir 5.000 kg de leite/ha/ano são poucas as opções e para se produzir 10.000 kg de leite/ha/ano só existe um único sistema de produção.

No Brasil, como em qualquer lugar do mundo, não é diferente. À medida que a produtividade é aumentada, diminuem as opções de sistemas de produção. A diferença entre os produtores “tropicais” e os produtores “temperados”, está no fato deste limite ser bem maior no nosso caso. Propriedades com produtividade entre 30 e 40 mil kg de leite/ha/ano (considerando todo o rebanho e todas as áreas utilizadas pela pecuária leiteira e não considerando a venda de animais como equivalente-leite), já existem em nosso meio, não representando, no entanto, o potencial máximo da atividade. Esses valores são inimagináveis para o “mundo temperado”, enquanto que o teto de produtividade possível de ser alcançado no “mundo tropical”, ainda é desconhecido.

Mas porque o potencial de produtividade no Brasil é maior do que o de países desenvolvidos na pecuária leiteira? E porque o Brasil até hoje, não explora esse potencial? Estas são questões comuns em reuniões com produtores de leite. Uma das explicações pode estar na abençoada diversidade biológica existente no clima tropical, que acaba sendo uma vantagem decisiva (a ser explorada), em relação aos países desenvolvidos na atividade. Um pesquisador neozelandês que esteve visitando o Brasil na década de 90, concluiu que o dia que um grande número de produtores brasileiros estiver criando suas vacas leiteiras em sistemas que explorem intensiva e corretamente as pastagens de gramíneas tropicais, o Brasil será o maior exportador mundial de lácteos. O País tem um longo caminho até atingir esse patamar, principalmente no que diz respeito à qualidade do nosso leite.

Outro aspecto importante, é que o sistema de produção de leite do “mundo temperado”, que permite obter 10 mil kg de leite/ha/ano, traz inevitavelmente, um aumento no custo de produção (confinamento total dos animais), enquanto no Brasil, os sistemas de produção com maior produtividade, seguem caminho oposto.

De uma maneira simplista, a renda por hectare é a multiplicação da média individual de produção de leite das vacas do rebanho pela quantidade de vacas em lactação por

hectare. Deve ser considerada toda a área utilizada para produção de alimentos volumosos e todas as áreas ocupadas pelo rebanho leiteiro, inclusive as comprometidas com as instalações, recria de animais jovens e vacas secas. Multiplicando-se o resultado do produto pelo preço do litro de leite recebido e posteriormente, subtraindo a despesa efetuada para se obter essa produção, chega-se à renda líquida por unidade de área. A venda de animais, que deve ser transformada em equivalente-leite com base no preço recebido pelo litro de leite quando de sua venda, não foi considerada no transcorrer do texto, mas representa, comumente, entre 15 e 20% da renda bruta da atividade leiteira.

Para aumentar a produtividade em qualquer situação é preciso aumentar a capacidade de suporte e/ou aumentar a média de produção de leite dos rebanhos. Os resultados no sentido de se aumentar a capacidade de suporte das pastagens de clima temperado, no entanto, são bastante incipientes, porque o problema da baixa produção dessas forrageiras não está relacionado à fertilidade do solo ou a irrigação dessas forrageiras. É evidente que num ano pouco chuvoso num desses países de clima temperado, a irrigação terá papel fundamental no aumento da produção de forragem, mas estará apenas suprimindo uma deficiência hídrica circunstancial. O problema da baixa produção das forrageiras temperadas é fisiológico, ou seja, o potencial de produção de massa por unidade de área é baixo, em comparação com as gramíneas forrageiras tropicais. Assim sendo, como alternativa para se ampliar a produtividade da exploração leiteira no “mundo temperado”, sobrou o melhoramento genético do rebanho. No entanto, à medida que passaram a explorar o potencial individual dos animais, as pastagens deixaram de suprir suas exigências nutricionais. Num primeiro instante, o uso de alimentos concentrados foi incrementado, numa etapa posterior, o rebanho em lactação passou a ser confinado em tempo parcial, para finalmente atingir o confinamento em tempo integral. O único sistema a que se referem os produtores de regiões de clima temperado para produzir 10 mil kg de leite/ha/ano é o confinamento (fornecimento no cocho de toda a dieta), que é consequência da intenção de se explorar o potencial individual dos animais, com o objetivo de se elevar a produtividade e competitividade da atividade leiteira. Este sistema requerirá um investimento considerável em máquinas e equipamentos para conservação de forragens na forma de silagens ou fenos e em animais de maior capacidade produtiva, para aumentar a escala de produção, minimizando os efeitos do aumento de custos. Com essa estratégia, a produção de leite desses países foi até mesmo ampliada, mas houve redução drástica no número de produtores (exclusão social). Caso esse leite tenha como destino o mercado externo, seu poder concorrência com os produtos de outros países será diminuído, em razão do maior custo de produção e do custo social embutido em seu processo de produção. Se por outro lado, o produtor não quiser alterar seu sistema, mantendo-o sob regime de pastagens, a produtividade será menor que no sistema confinado, mas o custo também o será. O problema nesta situação é a menor competitividade do leite em relação às outras atividades agropecuárias. Como o desembolso de recursos é elevado, tanto para se alterar o sistema (aquisição de vacas de maior potencial produtivo e equipamentos), quanto para o aumento da produção via expansão horizontal (compra de terras), o desaparecimento de pequenas propriedades leiteiras nesses países de clima temperado foi inevitável. No Brasil a situação pode ser completamente diferente. À medida que se eleva a produtividade da terra, os rebanhos passam a utilizar mais intensamente as pastagens, trazendo redução nos custos de produção. A diferença como já foi dito,

está nas forrageiras exploradas lá e aqui. A produção de massa das gramíneas tropicais é muitas vezes superior à das gramíneas de clima temperado. Mas a qualidade das forrageiras temperadas é maior que a das gramíneas tropicais? É verdade, mas não o suficiente para que o produto da multiplicação do número de vacas em lactação por hectare pela produção média dos animais seja semelhante nas duas situações.

Considere um rebanho com 65% de vacas e que dessas 85% estejam em lactação. Esses índices são considerados excelentes no que se refere ao aspecto de manejo do rebanho. Admita ainda que uma vaca corresponda a uma unidade animal, lembrando que uma unidade animal corresponde a 450 kg de peso vivo. Por serem de excelente qualidade as forrageiras de clima temperado propiciam a exploração de animais com maior média por lactação, por exemplo, 20 kg/dia, mas como a produção de forragem é limitada pelo seu potencial genético, permite colocar apenas 2,5 vacas em um hectare, o que resulta em 1,4 vacas em lactação por hectare (2,5 UA/ha? 65% de vacas no rebanho? 85% de vacas em lactação). O resultado da multiplicação do número de vacas em lactação por hectare pela média de produção do rebanho será de 10.220 kg de leite/ha/ano. Por ser de qualidade inferior, mas não baixa, as forrageiras de clima tropical propiciam a exploração de animais com média por lactação ao redor de 13 kg/dia. Como a produção de forragem é imensa, no entanto, permite colocar 12 vacas em um hectare, o que resulta em 6,6 vacas em lactação por hectare. A multiplicação do número de vacas em lactação por hectare pela média de produção do rebanho será de 31.320 kg de leite/ha/ano.

Considere agora situações potenciais, juntando resultados obtidos isoladamente em diferentes propriedades nos países de clima temperado e no Brasil, para poder vislumbrar potenciais de produção de cada região. Supondo um rebanho de excelente qualidade nos países de clima temperado (30 kg de leite/dia como média de lactação – 50% superior à situação descrita no parágrafo anterior) e lotação elevada em suas pastagens, ou seja, 3,12 vacas/ha (25% superior), mantidos os mesmos índices de composição do rebanho e eficiência zootécnica dos animais, tem-se um potencial de 18.870 kg de leite/ha/ano. Supondo rebanhos de boa qualidade no Brasil (19,5 kg de leite/dia como média de lactação – 50% superior à situação anterior) e lotação elevada em suas pastagens da ordem de 15 vacas/ha (25% superior), tem-se um potencial de 58.990 kg de leite/ha/ano. A diferença, superior em três vezes, tanto na situação real quanto na potencial, a favor dos produtores de leite do “mundo tropical”, deve-se à capacidade de produção de massa de nossas gramíneas forrageiras.

Entretanto, o clima tropical também traz dificuldades. Nada é tão bom que não exista algum tipo de problema e nada é tão ruim que não possa ser extraído algo de positivo. Seu grande ponto positivo é o calor e seu grande ponto negativo, também é o calor. Sob o ponto de vista da planta, o calor é um aliado. Sob o ponto de vista do animal o calor é um inimigo. Técnicos e produtores devem lidar com essa aparente contradição diariamente, explorando seus efeitos positivos, ou seja, estimulando a produção vegetal através de técnicas de adubação, irrigação e outras práticas de manejo e ao mesmo tempo, devem procurar minimizar os efeitos negativos sobre os animais, através de práticas de manejo como, por exemplo, alteração do horário da segunda ordenha para o final da tarde; alteração dos horários de entrada nos piquetes e do fornecimento de alimentos no cocho, para o início da noite, após a ordenha da tarde; implantação de sombras (naturais ou artificiais) nas áreas de descanso, dispostas em linha e no sentido norte/sul; distribuição de pontos d'água de qualidade pelas áreas de

descanso, condução dos animais (principalmente vacas em lactação) a pé dentre outras práticas.

Muitos sistemas de produção de leite no mundo tropical utilizam o sistema intensivo de pastejo rotacionado no período das águas (setembro/outubro a março/abril) na grande região central do Brasil. Para manter durante a época seca do ano (meses restantes), essa elevada lotação das pastagens, poderão ser empregados dois recursos que permitirão manter ou até mesmo aumentar essa lotação: a) irrigação das pastagens com o intuito de ampliar o tempo de utilização das pastagens incorporando três a quatro meses ao período de uso destes, reduzindo as despesas com alimentos volumosos e mão de obra e b) cana-de-açúcar, que se bem cuidada e irrigada poderá ultrapassar a produtividade de 300 t/ha. O uso da cana-de-açúcar trará uma elevação no custo de produção quando comparado ao obtido nas pastagens, por ter a necessidade de ser corrigida em seus desequilíbrios nutricionais e por necessitar de mão de obra. No entanto, o uso da cana-de-açúcar está propiciando a manutenção ou até mesmo, no caso dela ser irrigada, a ampliação da lotação obtida nas pastagens. Em relação às silagens, a cana-de-açúcar, além de ser menos onerosa que as silagens, pode ser aplicada em toda e qualquer propriedade.

Essas técnicas utilizadas no aumento de produtividade no “mundo tropical” são includentes, ou seja, permitem que qualquer propriedade possa fazer parte do futuro, mesmo as que possuem áreas muito reduzidas e extrema dificuldade financeira. No Projeto Balde Cheio da Embrapa Pecuária Sudeste de São Carlos (SP), dentre as mais de 2.000 propriedades participantes em 360 municípios de 12 Estados brasileiros, a menor propriedade é a de Valença (RJ) que tem 0,5 hectares de área total e produção ao redor de 100 litros diários e as com dificuldades de capital são quase a totalidade.

Com a intensificação da produção leiteira, passando de uma lotação média brasileira de uma vaca por hectare para 10 a 12 vacas no mesmo hectare, a pressão sobre as matas e florestas é reduzida a zero, ou seja, é eliminada. Além disso, pastagens bem manejadas que recobrem o solo, como é o caso das áreas plantadas com o capim-tifton, impedem o escoamento de sedimentos para os cursos d'água. Da mesma forma, os capins cespitosos, que formam touceiras como o capim-mombaça, atuam no combate à erosão, cobrindo o terreno com suas folhas, reduzindo o impacto das gotas de chuva, um dos principais agentes desagregadores das partículas do solo, além de proverem o solo com uma camada de material morto (“mulch”), formada cada vez que os animais pastejam e derrubam, no mínimo, 30% da forragem produzida, numa espécie de empréstimo ao solo.

Ainda em relação ao aspecto ambiental, produtores e extensionistas que participam do Projeto Balde Cheio passaram a compreender que se houver uma intensificação racional do uso da terra, a “perda” de glebas para a área de preservação permanente prevista em lei, não comprometerá a renda do proprietário. Concluindo, a intensificação da produção leiteira de forma sustentável, permitirá o melhor uso da terra e a conquista de mercados externos.